

# A Era Vargas: Trabalho, Propaganda e a Construção do Estado Moderno Brasileiro

Entre 1930 e 1945, o Brasil viveu uma das transformações mais profundas de sua história. Getúlio Vargas redefiniu as relações entre Estado, trabalho e povo — e o país nunca mais seria o mesmo.



# O Início de uma Nova Era: A Revolução de 1930

## O Contexto da Crise

A República Velha, dominada pelas oligarquias cafeeiras de São Paulo e Minas Gerais por meio do arranjo conhecido como "política do café com leite", chegava ao seu esgotamento. O sistema de alternância presidencial entre as duas states entrou em colapso quando o paulista Júlio Prestes foi eleito em 1930, ignorando o acordo e frustrando as expectativas mineiras.

Simultaneamente, a Crise de 1929 devastou a economia brasileira, que era amplamente dependente das exportações de café. A queda drástica nos preços internacionais do produto aprofundou as desigualdades sociais, gerou desemprego e alimentou um clima de instabilidade política e social sem precedentes.

## A Tomada do Poder

Em outubro de 1930, um movimento armado composto por militares e lideranças políticas regionais derrubou o presidente Washington Luís e impediu a posse de Júlio Prestes. Getúlio Vargas, ex-governador do Rio Grande do Sul e candidato derrotado nas eleições presidenciais daquele ano, foi conduzido ao poder como chefe do Governo Provisório.

Vargas chegava ao poder como uma figura de transição, mas logo demonstraria uma habilidade extraordinária para se manter no centro da cena política brasileira. Seu governo inauguraria uma nova fase na história do país, marcada pela centralização do poder, pela criação de um Estado burocrático moderno e por uma relação direta e emocional com as massas trabalhadoras urbanas.

# O Estado Novo e o Poder da Propaganda

Em novembro de 1937, Vargas deu um golpe de Estado, implantou uma nova constituição de inspiração fascista e instaurou o Estado Novo — regime autoritário que duraria até 1945. Para consolidar seu domínio, o governo investiu fortemente em mecanismos de controle da informação e de moldagem da opinião pública.



## O DIP — Departamento de Imprensa e Propaganda

Criado em 1939, o DIP era o coração do aparato propagandístico varguista. Subordinado diretamente à presidência, o órgão censurava jornais, livros, peças de teatro e transmissões de rádio, enquanto produzia e distribuía conteúdo favorável ao regime. Era, ao mesmo tempo, censor e produtor cultural.



## O Rádio como Voz do Regime

A Hora do Brasil, programa obrigatório transmitido diariamente por todas as emissoras do país, levava a voz de Vargas a lares de todo o território nacional. O rádio era o meio de comunicação de massa por excelência na época, e o governo soube explorá-lo com maestria para criar uma conexão emocional entre o líder e o povo.



## Cinema e Imprensa Oficial

O Cine Jornal Brasileiro era exibido obrigatoriamente antes de cada sessão de cinema no país, mostrando as realizações do governo, obras públicas e a figura imponente de Vargas. Revistas como *Cultura Política* reuniam intelectuais e artistas para dar legitimidade cultural ao regime, apresentando o Estado Novo como um projeto civilizatório moderno e necessário.

# "Pai dos Pobres": A Construção de uma Imagem

"Tudo pelo Brasil, tudo pelo povo" — era com slogans como esse que o DIP construía a narrativa de um líder dedicado exclusivamente ao bem-estar nacional e ao progresso das classes trabalhadoras.

A propaganda do Estado Novo foi um projeto estético e político cuidadosamente orquestrado. Cartazes espalhados por todo o país retratavam Vargas como um líder paternal, próximo do povo, incansável no trabalho pela nação. Artistas, escritores e cineastas foram convocados — ou cooptados — para colaborar com o projeto de legitimação do regime.

## A Narrativa Oficial

O Estado Novo era apresentado como a única alternativa ao caos da democracia liberal e à ameaça do comunismo. A propaganda insistia na ideia de que o Brasil precisava de um líder forte e paternal para conduzir a nação rumo à modernidade. Vargas era retratado simultaneamente como um homem simples, próximo do trabalhador, e como um estadista visionário capaz de transformar o país.

## O Culto à Personalidade

Retratos de Vargas eram obrigatórios em repartições públicas, escolas e fábricas. Seu aniversário era celebrado como data cívica. A mídia oficial reforçava constantemente sua imagem como protetor dos trabalhadores, inimigo dos exploradores e guia infalível do destino brasileiro. Era uma das primeiras experiências de culto à personalidade em larga escala na história do país.

# A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)

Assinada em 1º de maio de 1943 — Dia do Trabalho, numa escolha simbólica deliberada —, a Consolidação das Leis do Trabalho foi o mais duradouro legado jurídico da Era Vargas. Mais do que um conjunto de normas, a CLT representou uma refundação da relação entre capital e trabalho no Brasil.

## Jornada de 8 Horas

A limitação da jornada diária de trabalho a oito horas foi uma conquista histórica. Antes da CLT, trabalhadores podiam ser submetidos a jornadas exaustivas de 12, 14 ou até 16 horas diárias, sem qualquer proteção legal. A nova norma representou um avanço civilizatório significativo para os trabalhadores urbanos brasileiros.

## Férias Remuneradas

O direito a férias remuneradas anuais era praticamente inexistente antes da CLT. A legislação varguista garantiu ao trabalhador o direito de descanso sem perda de salário, reconhecendo que o repouso é uma necessidade humana fundamental e não um privilégio reservado às classes abastadas.

## Salário Mínimo

Instituído em 1940, o salário mínimo estabeleceu um piso remuneratório nacional, combatendo a superexploração dos trabalhadores mais vulneráveis. Era diferenciado por regiões, reconhecendo as disparidades econômicas do país, mas representava uma garantia inédita de renda mínima para todos os trabalhadores formais.

## Trabalhismo como Ideologia

A CLT não era apenas legislação — era a base de uma identidade política. O "trabalhismo" varguista apresentava Vargas como o "doador" de direitos ao povo, criando uma relação de gratidão e lealdade política que moldou o comportamento eleitoral brasileiro por décadas. Mesmo após o fim do Estado Novo, essa herança política permaneceria influente.

# Industrialização e Nacionalismo Econômico

## O Projeto Industrializante

Um dos pilares do governo Vargas era a transformação do Brasil de uma economia agroexportadora em uma nação industrial. Para isso, o Estado assumiu papel ativo no planejamento e no investimento econômico, criando grandes empresas estatais que deveriam impulsionar o desenvolvimento nacional e reduzir a dependência externa.

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), inaugurada em Volta Redonda em 1946, foi o símbolo máximo desse projeto. Construída com financiamento norte-americano obtido em troca do apoio brasileiro na Segunda Guerra Mundial, a CSN era apresentada pelo governo como prova concreta da capacidade do Brasil de se industrializar.

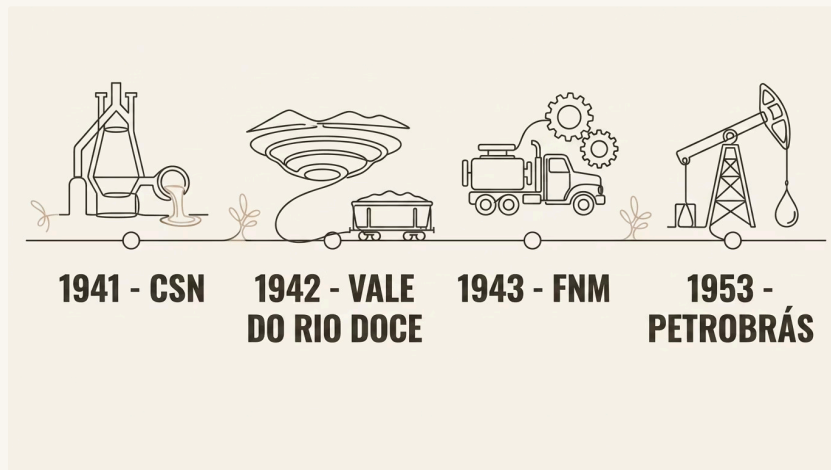
A Companhia Vale do Rio Doce, criada em 1942, controlava as ricas reservas de minério de ferro de Minas Gerais — um recurso estratégico que o governo se recusava a entregar a empresas estrangeiras. A ideia de que os recursos naturais do Brasil deviam servir ao povo brasileiro, e não a interesses externos, tornou-se um dos fundamentos do nacionalismo varguista.

## Propaganda do Progresso

O DIP soube transformar cada inauguração de fábrica ou obra pública em um evento de propaganda. Imagens de altos-fornos em plena operação, de trabalhadores orgulhosos em uniformes limpos e de Vargas visitando instalações industriais eram amplamente divulgadas nos cinejornais e nas revistas oficiais.

A industrialização era apresentada não apenas como um projeto econômico, mas como a redenção histórica do Brasil — a prova de que o país estava superando seu passado colonial e atrasado para ingressar no seletivo grupo das nações modernas e soberanas.

O contexto da Segunda Guerra Mundial também foi aproveitado estrategicamente: a necessidade de substituir importações de países em conflito acelerou o crescimento industrial brasileiro e deu ao governo argumentos adicionais para justificar o intervencionismo estatal na economia.





# O Trabalhador como Símbolo da Nação

A Era Vargas produziu um imaginário visual poderoso em torno da figura do trabalhador industrial. Nas fábricas recém-inauguradas, nos canteiros de obras das grandes estatais e nas usinas siderúrgicas, o operário brasileiro era retratado como o verdadeiro construtor da nação moderna — digno, forte e protegido pelo Estado.

## A Estética do Trabalho

A propaganda oficial criou uma estética glorificadora do trabalho manual e industrial, influenciada pelo realismo socialista soviético e pelo fascismo italiano, mas adaptada ao contexto brasileiro. Murais, cartazes e cinejornais mostravam trabalhadores robustos em pose heroica, ao lado de máquinas imponentes e sob a sombra protetora da bandeira nacional.

Artistas plásticos, como Cândido Portinari, foram associados — de formas diversas — a esse projeto estético. As obras de Portinari, mesmo quando críticas, ajudaram a consolidar a imagem do trabalhador brasileiro como sujeito histórico central.

## Cartazes e Cotidiano

Nos refeitórios das fábricas, nos portões das usinas e nas paredes das repartições públicas, cartazes governamentais reforçavam cotidianamente a mensagem de que trabalhar era servir à pátria — e que Vargas era o guardião dos direitos que tornavam esse trabalho digno e remunerado.

Essa simbiose entre propaganda, legislação trabalhista e presença física nos espaços de trabalho criou um ambiente de total penetração da narrativa varguista no dia a dia do operariado urbano, moldando consciências e fidelidades políticas de forma profunda e duradoura.

# A Imagem do "Pai dos Pobres"



## O Líder Carismático

Vargas cultivou com extrema habilidade uma imagem de acessibilidade e proximidade com o povo. Seus discursos eram elaborados para soar ao mesmo tempo presidenciais e populares — a linguagem do estadista aliada ao afeto paternal. Ele se dirigia aos trabalhadores como se os conhecesse pessoalmente, como se compartilhasse de suas angústias e sonhos.

Nas aparições públicas, especialmente nos famosos discursos do 1º de maio, Vargas dominava multidões com uma combinação de simplicidade aparente e autoridade incontestada. A multidão respondia com aclamação genuína — sinal de que o projeto de construção de imagem havia funcionado além das expectativas.



## A Mídia a Serviço do Mito

O DIP não se limitava à censura passiva — atuava ativamente na produção de conteúdo que engrandecia a figura presidencial. Jornais publicavam regularmente matérias sobre as realizações pessoais de Vargas, sua dedicação ao trabalho, sua preocupação com os mais humildes. Cada assinatura de lei trabalhista era transformada em evento histórico celebrado em todas as mídias disponíveis.

A repetição sistemática de mensagens cuidadosamente elaboradas criou o que hoje chamaríamos de "narrativa hegemônica" — uma percepção dominante de Vargas como benfeitor insubstituível da nação, tornando qualquer crítica ao regime algo próximo a uma ingratidão ou traição.



## Direitos como Dádivas

Um dos aspectos mais criticados pelos historiadores é a forma como os direitos trabalhistas foram apresentados como concessões pessoais de Vargas — dádivas do "pai" aos seus "filhos" trabalhadores — em vez de conquistas do movimento operário. Essa narrativa tinha o efeito político de criar uma dívida de gratidão entre o trabalhador e o líder, ao mesmo tempo que deslegitimava os sindicatos independentes e os movimentos de classe autônomos.

O resultado foi um paternalismo político profundamente enraizado na cultura brasileira, que associava a proteção social à figura de um líder forte, e não a direitos universais conquistados pela organização coletiva dos trabalhadores.



# O Legado Ambíguo da Era Vargas

Poucos períodos da história brasileira suscitam julgamentos tão divididos quanto a Era Vargas. Entre a modernização inegável e o autoritarismo igualmente inegável, o período de 1930 a 1945 — e o retorno ao poder entre 1950 e 1954 — deixou marcas que ainda hoje estruturam debates políticos, econômicos e culturais no Brasil.

## Modernização e Construção do Estado

O Brasil que emergiu da Era Vargas era estruturalmente diferente do que entrou nela. Um Estado burocrático moderno havia sido construído — com ministérios organizados, uma legislação trabalhista avançada para os padrões da época, universidades federais, empresas estatais estratégicas e uma indústria nacional em ascensão. O processo de urbanização acelerou-se, e o Brasil começou sua transição de país rural para país urbano e industrial.

## Autoritarismo e Supressão de Liberdades

O outro lado da moeda era sombrio. O Estado Novo foi um regime ditatorial que prendeu opositores políticos, exilou intelectuais, torturou militantes comunistas e anarquistas, fechou o Congresso Nacional e extinguiu os partidos políticos. A liberdade de imprensa foi sistematicamente violada pelo DIP. Sindicatos independentes foram cooptados ou destruídos, substituídos por uma estrutura corporativista controlada pelo Estado que limitava a autonomia dos trabalhadores.

## Uma Herança Duradoura e Controversa

A CLT permanece em vigor — embora amplamente reformada — até os dias de hoje. As estatais criadas por Vargas moldaram a economia brasileira por décadas. O trabalhismo como tradição política influenciou partidos e lideranças ao longo do século XX. E o "populismo" varguista — entendido como a política de apelo direto às massas com promessas de proteção social — tornou-se um modelo recorrente na política brasileira, para o bem e para o mal.

# A Era Vargas: Uma Transformação Duradoura

## O Que Ficou

O período 1930–1945 redefiniu permanentemente o papel do Estado brasileiro na economia e na vida social. A ideia de que o governo tem responsabilidade pelo bem-estar dos trabalhadores, pela industrialização nacional e pela soberania econômica do país tornou-se parte do DNA político brasileiro — independentemente de qual partido está no poder.

A CLT, as estatais, as universidades federais, o Ministério do Trabalho, o sistema de previdência social — todas essas instituições nasceram ou foram transformadas radicalmente durante a Era Vargas e continuam sendo partes fundamentais da arquitetura do Estado brasileiro contemporâneo.

## As Perguntas que Permanecem

O debate sobre o legado de Vargas permanece vivo porque toca em questões fundamentais da democracia brasileira: como equilibrar desenvolvimento econômico e liberdades civis? Como construir uma identidade nacional inclusiva sem recorrer ao autoritarismo? Como garantir direitos trabalhistas sem criar dependência política?

Compreender a Era Vargas em toda a sua complexidade — seus avanços reais e seus custos democráticos — é essencial para entender o Brasil de hoje: suas instituições, suas contradições, sua cultura política e os desafios que ainda enfrenta na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, desenvolvida e justa.

# 15

### Anos no Poder

Vargas governou o Brasil por 15 anos em dois períodos distintos (1930–1945 e 1950–1954)

# 1943

### Ano da CLT

A Consolidação das Leis do Trabalho foi assinada em 1º de maio de 1943

# 5K+

### Artigos da CLT

A CLT original continha mais de 5 mil artigos regulando as relações de trabalho no Brasil

# 1939

### Criação do DIP

O Departamento de Imprensa e Propaganda foi criado em 1939, centralizando o controle da mídia